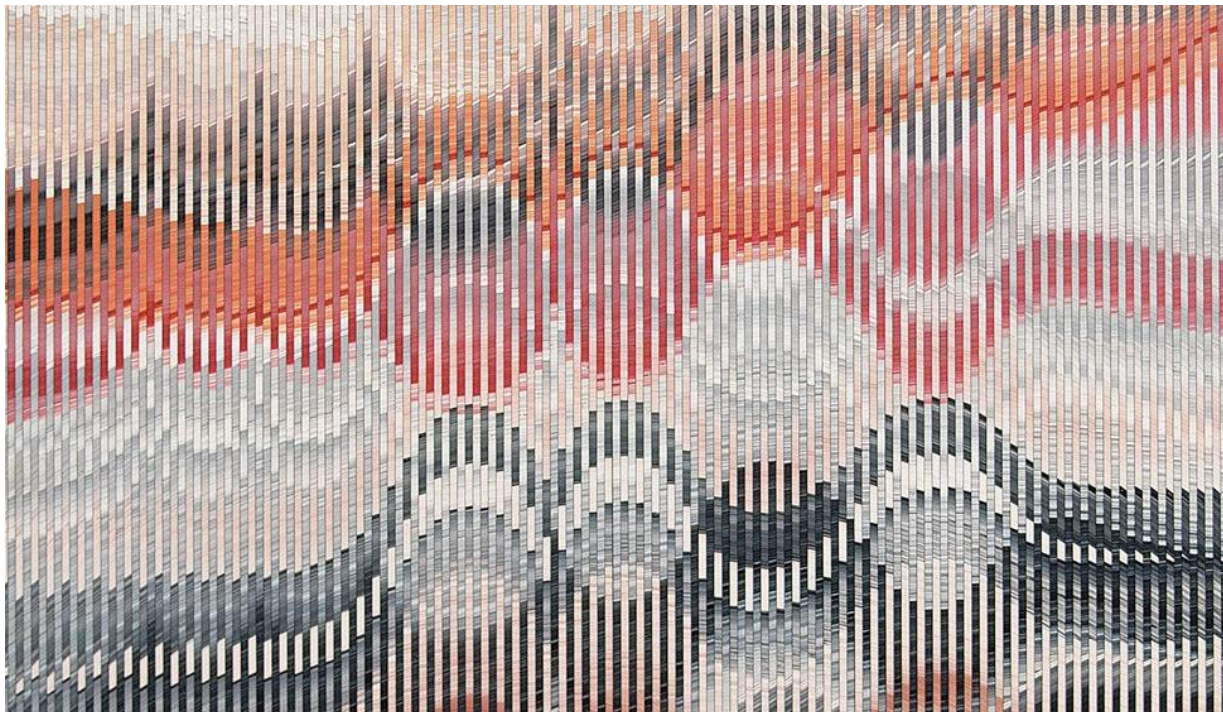


A bioética e o desenvolvimento tecno-medical para o início e o fim da vida humana

Silvane Maria Marchesini



Nosso objetivo com este trabalho é contribuir com uma reflexão sobre o *sujeito* dito *metafísico*, ao nível consciente e *inconsciente*, e sobre as contribuições críticas do aporte teórico-prático da Psicanálise à epistemologia e à prática científica. Inúmeras são as questões filosófico-jurídicas e psicanalíticas que se apresentam na pós-modernidade para a subjetividade humana, face às descobertas científicas e médicas. Visto que toda teoria ética pressupõe um sujeito, autor de uma ação consciente e voluntária, e que a Psicanálise coloca a questão das *forças inconscientes* que influenciam as ações e escolhas, vou apresentar minha exposição em três itens:

1. As subjetividades numa visão transdisciplinar juspsicanalítica.
2. O progresso da tecnociência à luz da Psicanálise. A lei como instância simbólica.
3. Os limites da bioética e os novos direitos nas questões do início e do fim da vida humana. Uma nova prática científica a partir de outro nível ético.

Com efeito, os projetos de adoção e de procriação, na atualidade, principalmente em países desenvolvidos parecem sobrevir após o dito “**direito a uma criança**” eis que a tecnologia médica permite a cada um fabricar suas crianças, até mesmo indo **alugar úteros** em países de terceiro mundo. Mas os aspectos psicológicos, conscientes e inconscientes, da adoção e da procriação de uma criança são complexos e exigem um trabalho de **luto** do “**desejo de criança**” biológica.

É preciso indagar, então, até que ponto as **novas subjetividades** e as **novas modalidades** de família são estruturadas a partir de um ponto ético de **impossibilidades** e de **diferenças**. Ou seja, indagar até que ponto as mães são marcadas em seu ser pela “**carência originária**” amalgamada pela função do pai, e até que ponto os pais são devedores de uma **dívida simbólica** referida ao **patriarcado** na sequência de gerações.

Portanto, neste trabalho da cultura de fundar um **limite simbólico** de diferença subjetiva, o qual tem relação com os aspectos **fenotípicos** de difícil verificação para os cientistas, a *escuta psicanalítica* do sujeito como “**efeito do traço de identificação**” e a elaboração do “**vazio central no íntimo do ser**”, figura como possibilidade de novos caminhos para reencontrar o próximo. Este “**real último** da organização psíquica” está na origem de toda **criação** significativa e por isto se afigura como categoria importante a uma perspectiva mais ética para os discursos, científico e jurídico, principalmente no campo da **bioética**.

É a partir destes argumentos fundamentais que pensamos ser possível produzir, como na técnica psicanalítica, **cisões** nos significantes que circulam nos debates científicos e políticos, para melhor compreender as **novas subjetividades** e as **novas modalidades de famílias e parentalidades**, e encontrar novos caminhos e “**soluções paliativas**” para as mais profundas dores que são “a **impossibilidade** de procriar, a perda, o luto e o abandono”. Será necessário tentar transformar o desespero ou o gozo diante da vida e da morte do “sujeito excessivamente clivado” e mais narcísico de hoje, em **aceitação** dos **limites** impostos para o “início da vida” e, em esperança de imortalidade para o após “fim da vida”, virtudes estas que brotam no “**impossível**” do amor.

Os **tempos** do “início da vida” e do “fim da vida” humana estão cada vez mais sujeitos aos “**mecanismos de controle e de poder**” através da tecnologia e da **medicalização** dos corpos e dos gozos. O movimento de liberação sexual e de pensamentos atirou no que viu e acertou no que não viu. Os **dispositivos de poder** continuam a utilizar a **tecnologia**, agora não mais para **construir identidades sexuais**, mas ao contrário para **desconstruir identidades** indo em rumo à **humanização da máquina e maquinização do humano**. Critérios cada vez mais materiais e fáticos, baseados em dados genéticos e de sexo, são descritos num nível **diacrônico** (metonímico) de linguagem tanto científica como política. Assim os **critérios de identificação** dos sujeitos para o Direito e para a ciência são cada vez menos subjetivos. No Direito as **identificações** nos **registros notariais** das características dos sujeitos são formuladas cada vez mais na forma de registro de patrimônio e de bens móveis, e, na área médica, os **códigos de classificação de doenças** seguem um estilo de catálogos fenomenológicos. Assim sendo, a ordem **genealógica** e a **filiação** perdem sua correspondência coerente ao corpo e a **reprodução bissexuada**. O significante pai não é mais correspondente ao companheiro desejado pela mãe, e a mãe pode não ser mais aquela que coloca o ser no mundo. As palavras “pai” e “mãe” passam a significar aquele ou aquela que a ciência lhe **enunciar** em tais **funções**.

No caso das novas legislações sobre filiação, saímos da ordem do **Direito** como **ficção** e entramos na ordem do Direito como **reificador dos fatos**, deixando anônimo um “terceiro” doador ou portador, e em privando radicalmente uma criança da filiação paternal e maternal originária, ou até mesmo portadora. A partir destas forçagens, tanto jurídicas como médicos, causa-se uma **capitis diminutio** ao **direito da criança**.

O psicanalista Jean-Pierre Winter publicou recentemente na França o livro *Homoparenté*, no qual ele questiona: qual “**fantasma**” é subjacente nas novas parentalidades? A sua realização é suficiente para transformá-lo em um **desejo legítimo**? Ele ressalta que, nos casos onde o Direito não interdita determinadas situações de fato, ele passar a instituir formas de **incesto legalizadas**.

Winter sugere que, para analisarmos as novas problemáticas da “**adoção legal das crianças**”, é preciso separar o debate entre “direito da criança”, “direito a ter uma criança”, “novas parentalidades de hoje”, “homoparentalidades” e “homossexualidades”. Levanta-se, assim, a **questão ética** quanto à possibilidade de recepção de todas as demandas individuais e sociais ao nível do Direito e das ciências médicas, pois, segundo Winter, uma vez que o sujeito é o “**sujeito da metáfora**”, as novas parentalidades apresentam risco psicopatológico de “**desmetaforização**” para as futuras gerações.

Portanto, a Psicanálise indica, ao campo jurídico e científico, o “**princípio da precaução**” para fazer face aos riscos de **modificação** do “**sistema normativo**” simbólico de parentalidade e de filiação **para todos**. Ainda que as leis estejam se atualizando neste sentido, urge um trabalho transdisciplinar para encontrar fundamentos mais subjetivantes, para uma nova prática científica que escape

das **astúcias da razão**, não colocando em causa as escolhas sexuais das pessoas por preconceitos morais ou religiosos, mas questionando eventuais **consequências** do projeto de **apagar** da **filiação** a **diferença real** dos **sexos**. Uma práxis científica sustentada não somente na materialidade da racionalidade consciente, mas também, num outro nível ético de **alteridade inconsciente**.

Neste tempo de **desubjetivação** de **massa**, é preciso encontrar um estatuto para as novas subjetividades, porém sem perder o prumo, pois os comportamentos continuam a ter um laço estreito com as dificuldades de “**interiorização dos interditos fundamentais de humanização**”. Entre um significante e outro significante, pai e mãe, o sujeito se institui como o último a emergir. Se, segundo Lacan, “**não há linguagem senão que metafórica**”, e todo sujeito é um ser-falante, eu ousou dizer que “**não existe sujeito senão que da metáfora**”.

Finalmente, diante da fragmentação das tradições e, enquanto nada de seguro as substituir, restamos *forçar os espíritos a enfrentar os enigmas humanos*.

Apresentamos, assim, contribuições da ética psicanalítica à bioética e aos “desafios contemporâneos da Psicologia Hospitalar”.

Silvane Maria Marchesini é assessora jurídica aposentada do Tribunal de Justiça do Paraná, bacharel em Direito pela UFPR e em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná, especialista em Psicanálise pela Universidade Tuiuti do Paraná, mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Tuiuti do Paraná e doutora em Psicologia Clínica pela Université Nice Sophia Antipolis, na França.